

Opinião Econômica

Economia - Brasil Agosto sem fim

Temos, desde ontem, via CMN, um novo orçamento monetário, plano de vôo da economia para a travessia dos últimos cinco meses do ano. Terceira tentativa de mapeamento de rota para o avião sem leme em tempo de tempestade.

A primeira edição do orçamento monetário, a de dezembro, foi tacada em fevereiro, a golpes de safanão cambial e de inflação sideral. A segunda edição faleceu em maio por conta da fadiga do material que assola todos os planos da economia sem rumo.

Com a competente ajuda do FMI, passamos o mês de junho projetando e negociando os novos arranjos do orçamento monetário, agora com uma projeção pelo menos realista: não dá para fechar o ano com inflação abaixo de 138 por cento, em base gregoriana.

Por que 138 por cento? Porque é o nível da inflação de julho na melhor das hipóteses. Hoje, dia de greve geral, a FGV trabalha na primeira estimativa da nova taxa mensal.

Que não se perca de vista a chegada da primeira grande onda da inflação acidental, a terrível taxa de "accidentalidade" que vem vindo do Sul.

Se depois da tempestade vem a inundação, depois da inundação explode a inflação, misto de desastre natural com sobrecarga fiscal, mais especulação geral.

As enchentes do Sul acaba, de flagelar perto de um terço da economia nacional. Ou praticamente metade da economia rural dos domínios do cereal. O mercado está fisicamente desorganizado, o suprimento nacional vai ficar "atravessado", o colapso da oferta pode implosionar a bolsa do consumo.

A quebra é de 84,5 milhões de toneladas de grãos admite o ministro Amaury Stabile.

Os estoques reguladores, eventualmente em poder das autoridades do abastecimento, terão de ser descolados, em agosto, para a população não menos flagelada do Nordeste. O ex-ministro Armando Falcão, que não é de falar, disse ao Jornal "O Globo":

"Estou voltando de Quixeramobim, no sertão cearense. Em agosto, no mais tardar, não haverá mais um prato de comida em toda a região. Temos de parar o Brasil por um dia e deslocar comida para o Nordeste. A safra do ano passado acabou e este ano não haverá colheita. Simplesmente, não haverá colheita".

Enquanto no Sul chove em cinco dias uma chuva de cinco anos, o Nordeste acumula ao longo de cinco anos uma chuva de apenas cinco dias.

A frase seria de efeito se não expressasse uma tragédia.

A reconstrução do Sul pode levar de seis meses a um ano. Das 125 fábricas que funcionavam na cidade catarinense de Rio do Sul, apenas três ficaram fora d'água. Em todo o Estado, de um total de 10.725 instalações industriais, nada menos de 6.890 estão fora de combate, literalmente entupidas de água. De Barro, de pasmo.

Também deserdado da sorte, o Paraná informa que os prejuízos materiais — descartados os dramas da condição humana — estão crescendo feito bola de neve: dos 310 municípios paranaenses, 224 estão em regime de calamidade pública não declarada, quando a calamidade é geral, não basta declarar emergência, é preciso contar com o guarda-chuva do Conselho de Segurança Nacional.

Desde segunda-feira, o desespero do Sul é assunto da competência do CSN, sob o comando centralizado do ministro Danilo Venturini. O Ministério do Interior não tinha como aguentar o rojão ele que se obriga, por caprichos do organograma administrativo, a cuidar, a um só tempo, de indio, de seca, de imundaça, de poupança, de habitação e de reajuste de presilação.

Pela natureza dos assuntos pertinentes, o Ministério do Interior é mais conhecido nos gabinetes de Brasília pelo rótulo carinhoso de Pepinobras.

Primeira tarefa da reorganização do Sul do Brasil, via Conselho de Segurança Nacional: o gigantesco mutirão de recuperação do sistema de transportes, rodovias pavimentadas, estradas vicinais, pontes e trevos, tudo isso rodou nas águas, feito trilha de pato na areia.

O transporte ferroviário do Paraná para o Rio Grande do Sul ou vice-versa está seccionado em Santa Catarina e o sistema só voltará a fluir, na melhor das hipóteses, em março do ano que vem. O porto catarinense de Itajai está com 410 metros de atracadouro fora de operação. Além dos danos, a força da vazão do Utajai-Açu ainda alcança 10 anos e afugenta os navios mercantes fundeados ao largo.

Sem a restauração dos transportes, como recuperar a economia das áreas flageladas?

Diz ao columnista, por telefone:

"Setor Público, responsável pelo investimento, maior de reparação dos danos materiais, sofreu um outro tipo de colapso, pouco aparente e muito sinistro: o naufrágio de caixa. A destruição dos meios de produção e a duração do hiato de reativação da indústria, do comércio e da agricultura estão demolindo a receita futura, sem que os Estados e municípios tenham a cobertura de qualquer apólice do tipo lucro, cessante. No caso, receita cessante. A situação é de humor negro: a enchente quebrou erários já falidos e endividados. Nunca o Paraná precisou tanto do ICM e nunca o ICM desabou tanto: pelos meus cálculos, a queda de receita, agora em agosto, será de 10 para 5. Em alguns municípios, de 10 para 1 ou para zero".

Blumenau, no miolo do dilúvio catarinense informa que a cidade deixa de faturar, este mês, na indústria e no comércio, Cr\$ 170 bilhões.

"A natureza tem sido cruel conosco", no suspiro resignado do presidente Figueiredo, pela televisão.

Um terço da população castigado pela estiagem, um quinto flagelado pela enchente. Ou até mais, se computada a inundação, de começo de junho no eixo Rio-São Paulo. Aliás, acidente climático devidamente expurgado do salário, da correção e da prestação.

A tragédia do Sul e o Flagelo do Nordeste não podem nem devem ser expurgados, do índice de preços temos de assumir esse tranco, ainda que o Brasil venha a remeter, em setembro, uma nova cartinha de intenção ao FMI:

"A inflação de 138 por cento nasceu afogada pelas águas de julho. Será que não dá para remendar nossa meta para 150 por cento? Afinal, a culpa é de São Pedro, que embora brasileiro não se obriga a ficar de plantão".

Em resposta, Ana Maria Jul desembarcará no Galeão em agosto.

E bota agosto nisso. Joel Silveira escreve na "Folha" que estamos vivendo, este ano, o maior agosto do mundo: vai de janeiro a dezembro o agosto do Brasil.

Joelmir Beting